

**CONCEPTUALIZAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE
DE DIVINDADES DO CANDOMBLÉ: ANÁLISE
DE XANGÔ E AYRÁ PELO VIÉS DA TEORIA
DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL**

Viviane Alves Caldas (UERJ)

teachervivicaldas@gmail.com

Leonardo Jovelino Almeida de Lima (UERJ)

leolimamat@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar e analisar as estruturas e os processos cognitivos ativados na conceptualização dos orixás Xangô e Ayrá, ambos relacionados ao elemento fogo, a fim de compreender de que forma ocorre a construção de identidades desses dois orixás. Como aporte teórico, adota-se a Teoria da Integração Conceptual, ou mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Assim, mesmo que Xangô e Ayrá sejam vistos como uma mesma divindade por muitas casas do Candomblé brasileiras, as análises qualitativo-interpretativistas aqui realizadas evidenciam relações vitais de espaço externo assim como relações de espaço interno, que nos permitem entender as referidas divindades como duas distintas na religião. Dessa forma, acreditamos que a mesclagem é a teoria apropriada para empreendermos uma adequada descrição das divindades e de suas representatividades para a religiosidade, principalmente, voltada para o Candomblé.

Palavras-chave:

Xangô. Ayrá. Integração Conceptual.

ABSTRACT

This work aims to identify and analyze cognitive structures and processes established in the conceptualization of the deities named Xangô and Ayrá, both related to the fire element, in order to understand how the construction of identities of these two orixás occurs. As a theoretical contribution, the Theory of Conceptual Blending is adopted (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Thus, even though Xangô and Ayrá are seen as the same deity by many Brazilian Candomblé houses, the qualitative-interpretative analysis carried out here shows vital relations of outer space as well as relations of inner space, which allows us to understand these deities as two distinct ones within religion. In this way, we believe that Conceptual Blending is the appropriate theory to undertake an adequate description of the deities and their representations for religiosity, mainly focused on Candomblé.

Keywords:

Xangô. Ayrá. Conceptual Blending.

1. Introdução

O candomblé, religião fundada no Brasil com a chegada de povos africanos, trazidos como escravos entre os séculos XV e XIX, tem como princípio básico o culto aos orixás. De acordo com José Beniste, os orixás “representam a personificação das forças da natureza e de elementos naturais como o nascimento e a morte, a saúde e a doença, as chuvas e o orvalho, as árvores e os rios” (BENISTE, 2019, p. 79). Segundo Pierre Verger, a religião dos orixás também está relacionada à noção de família:

A família numerosa, originária de um mesmo antepassado, que engloba os vivos e os mortos. O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantações e de sua utilização. (VERGER, 2002, p. 18)

José Beniste afirma que “o candomblé adotou uma prática de tolerância religiosa sem crítica às demais religiões e sem questionamentos àqueles que o procuram. Se for pertencente a outros credos, ninguém irá se incomodar e será atendido educadamente” (BENISTE, 2020, p. 45). Ao longo da diáspora africana, muitas tradições do culto se perderam ou sofreram adaptações e modificações. Na África, por exemplo, os orixás estavam ligados a regiões e abrangia o conjunto de uma família, assegurando o culto a todo grupo familiar. Na diáspora, “o orixá tomava um caráter individual, ligado à sorte do escravo, agora separado do seu grupo familiar de origem” (VERGER, 2002, p. 33). As folhas sagradas e outros artefatos utilizados nos ritos de iniciação foram adaptados ao que os escravos encontravam no Brasil para manter sua tradição religiosa viva.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, a religião se manteve firme e resistente. Embora, ao longo de toda diáspora até os dias atuais, os adeptos do candomblé sofram perseguições religiosas e muitos terreiros sejam destruídos ou depredados, a religião se torna um exemplo de que o preconceito religioso e o racismo ainda existem de forma acirrada no Brasil.

Considerando o candomblé como uma religião de culto aos orixás, relacionada a divindades africanas, que são associadas a elementos da natureza, como fogo, água, ar e terra, este trabalho tem por objetivo identificar e analisar as relações vitais, estabelecidas na conceptualização dos orixás Xangô e Ayrá, ambos relacionados ao elemento fogo, a fim de compreender de que forma ocorre a construção de identidades desses

dois orixás, baseando-se na teoria da integração conceptual (Cf. FAU-CONNIER; TURNER, 2002).

Desenvolvida por Gilles Fauconnier e Mark Turner, a teoria da Integração Conceptual, também conhecida como Mesclagem Conceptual, ou *Blending*, permite que os seres humanos criem novos significados, produzam novos sentidos e sejam imaginativos através de relações realizadas entre diferentes espaços mentais ativados. Essas relações promovem a conceptualização e a produção de sentidos, e são intituladas por Fauconnier e Turner (2002) como Relações Vitais.

Acreditamos que, através da análise de Xangô e Ayrá por meio da Integração Conceptual, é possível compreender como essas duas divindades, muitas vezes confundidas no Brasil como se fossem uma só, são, na verdade, conceptualizadas de diferentes formas, ou seja, entendidas como duas distintas divindades do Candomblé. A motivação pela escolha dos dois orixás se dá pelo interesse no aprofundamento dos estudos que compreendem a teoria da Integração Conceptual e também pela curiosidade em entender a construção de significados apresentados nas narrativas que envolvem dois orixás tão peculiares.

Este artigo está dividido em quatro seções. A primeira trata do referencial teórico e apresenta uma breve contextualização sobre as divindades Xangô e Ayrá, além de um breve panorama sobre a teoria da Integração Conceptual. Na segunda seção, são mostradas as análises baseadas nas três redes de integração, ou seja, uma sobre Xangô, uma sobre Ayrá e uma sobre Xangô e Ayrá. Por fim, são apresentadas as considerações finais, em que se pretende costurar todas as articulações aqui propostas, visando responder de forma objetiva à questão de pesquisa que motivou o desenvolvimento do presente trabalho.

2. Integração Conceptual e produção de sentidos

Gilles Fauconnier e Mark Turner acreditam que a integração conceptual, ou mesclagem, é um processo imaginativo que ocorre através da projeção analógica entre elementos ativados em espaços mentais⁹. Para

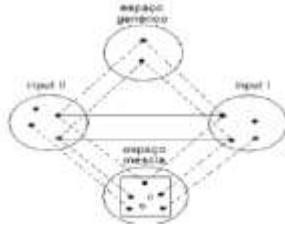
⁹ De acordo com Ferrari (1999, p. 116), a Teoria dos Espaços Mentais, oferece “[...] um modelo geral para o estudo da interação entre conexões cognitivas e línguas naturais, apontando a provável universalidade do fenômeno de conexão entre domínios conceptuais no pensamento e na linguagem”. O eixo dessa teoria é que quando as pessoas atuam em situações de interação linguística são estabelecidos diferentes espaços mentais os quais

essa teoria, a construção do sentido abrange no mínimo quatro espaços mentais: dois espaços *input*, ou seja, dois espaços de conhecimentos iniciais interconectados; um espaço genérico, que contém conhecimentos básicos que os *inputs* têm em comum e permite a conexão de toda a rede de integração; e o espaço mescla, que herda parcialmente elementos dos espaços *input* e que permite a construção do novo significado como produto da estrutura emergente. De acordo com os autores,

A mesclagem conceitual é descrita e estudada cientificamente em termos de redes de integração. O conceito de rede de integração consiste em quatro espaços mentais conectados: dois espaços de entrada parcialmente combinados, um espaço genérico constituído por estrutura comum às entradas e o espaço mescla. O espaço mescla é construído através da projeção seletiva das entradas, do preenchimento de padrões e da elaboração dinâmica.¹⁰ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 60) (tradução nossa)

Na figura abaixo, podemos observar a constituição de uma rede de integração conforme as características acima:

Figura 1: Esquema básico de integração conceitual.



Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p. 18).

são “[...] construídos, estruturados e ligados, a partir de sua gramática, do contexto e da cultura, e são motivados pela sua intenção comunicativa”. (RODRIGUES, 2008, p. 111). Portanto, a Teoria dos Espaços Mentais provê um modelo para investigar a interação entre estruturas cognitivas e a linguagem. Essas estruturas se estabelecem para fins de compreensão e de ação locais e são ativadas por *frames*. “*Frames* são construtos da nossa imaginação – e não representações materiais que se encaixam diretamente em uma realidade objetiva preexistente. Ou seja, *frames* são dispositivos imaginativos da mente” (KOVECSSES, 2006, p. 69).

¹⁰ “Conceptual blending is described and studied scientifically in terms of integration networks. In its most basic form, a conceptual integration network consists of four connected mental spaces: two partially matched input spaces, a generic space constituted by structure common to the inputs, and the blended space. The blended space is constructed through selective projection from the inputs, pattern completion, and dynamic elaboration.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 60)

Para Ferrari (2020), a projeção entre os domínios, ou *Inputs*, permite uma correspondência entre elementos análogos, que são licenciados pelo espaço genérico e projetados no espaço mescla. Segundo Ferrari (2020), o processo de integração institui-se conforme abaixo:

1. Projeção interdomínios: projeção parcial entre elementos correspondentes (contrapartes) dos *Inputs* 1 e 2.
2. Esquema genérico: reflete a estrutura e a organização abstrata entre os *inputs*, ou seja, a estrutura compartilhada por esses domínios.
3. Mescla: os *inputs* são parcialmente projetados nesse quarto espaço. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não; entidades dos *inputs* podem ser fundidos em um só elemento na mescla, ou projetados separadamente.
4. Estrutura emergente: a mescla tem estrutura emergente própria, inexistente nos *inputs*. A estrutura emergente pode ser construída de três maneiras:
 - a) Por composição - os elementos projetados dos *inputs* compõem o espaço-mescla, e as relações que ficam disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriores à mescla.
 - b) Por complementação: a nova composição de elementos no espaço-mescla pode evocar conhecimento compartilhado de *frames* e modelos cognitivos e culturais ainda não ativados nos *inputs*.
 - c) Por elaboração: em função da nova lógica instaurada, é possível haver novas etapas de trabalho cognitivo dentro da mescla. (FERRARI, 2020, p. 121)

Considerando os apontamentos de Fauconnier e Turner (2002) e as ponderações de Ferrari (2020), compreendemos que através da interação entre os espaços mentais, novas estruturas podem emergir na mescla de forma criativa. Essa interação ocorre por meio de relações entre os espaços mentais, que são chamadas de relações vitais. Segundo Fauconnier e Turner (2002), as relações vitais têm por objetivo promover as compressões de acordo com a percepção e a compreensão do ser humano, podendo ser de espaço externo (entre os espaços mentais de entrada) e de espaço interno (comprimidas na mescla). As relações podem ser de mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel, analogia, desanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade e singularidade.

3. Xangô e Ayrá, orixás do Candomblé

Xangô, orixá do trovão, do raio, do fogo e da justiça, teria sido o quarto alafin¹¹ de Oyó¹², cidade fundada por Oranian¹³, entre 1170 e 1300. Xangô teria “nascido de uma aliança de Oranian com uma princesa Nupê¹⁴, Torossi, filha de Elempe, rei desta nação” (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 42). Cresceu nas terras de sua mãe e mais tarde se instalou em Kossô¹⁵, que lhe rendeu o título de Oba¹⁶ Kossô, cidade onde se impôs pela força, já que os “habitantes não o aceitaram por causa de seu caráter violento e impiedoso” (VERGER, 2002, p. 134). Oranian, pai de Xangô e ausente de Oyó devido a incursões guerreiras, deixa seu filho mais novo, Ajaká, como regente temporário da região. Após a morte de Oranian, Ajaká assume como alafin e, mais tarde, é destronado por seu irmão Xangô, que se torna o rei de Oyó. Como rei de Oyó, Xangô comandou inúmeras guerras e expandiu o domínio de seu reino para cidades vizinhas, formando inclusive alianças e casando-se diversas vezes como estratégias políticas com vista a beneficiar suas terras.

Conhecido por seu caráter violento, justiceiro, viril, atrevido e detentor de poderes considerados mágicos, como cuspir fogo e dominar os trovões, Xangô também era temido por lançar raios que se transformavam em bolas de fogo ao tocarem o solo. “Uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de Xangô. Seu proprietário deverá pagar pesadas multas aos sacerdotes desse orixá e fazer oferenda para apaziguar o deus” (VERGER, 2002, p. 307). Seu símbolo principal é o oxê (machado de duas lâminas).

Entre outros acessórios que também podem ser usados por iniciados de Xangô nos ritos de incorporação estão: 1) o xerê, instrumento feito de uma cabaça que contém grãos em seu interior que imitam o barulho da chuva; 2) um laba, bolsa de couro onde Xangô guarda suas pedras de

¹¹ Título dado ao rei do Império de Oyó, território localizado atualmente na Nigéria.

¹² Império da África Ocidental localizado no que é hoje o sudoeste da Nigéria e o sudeste do Benim. O império foi fundado por iorubás no século XV e cresceu ao ponto de se tornar um dos maiores estados do Oeste africano.

¹³ Foi um rei dos Iorubás da cidade de Ifé, Nigéria. Fundador do Império de Oyó por volta de 1400.

¹⁴ Nupê, ou Tapa: Grupo étnico que vivia em algumas áreas da Nigéria.

¹⁵ Pequena cidade localizada nos arredores de Oyó.

¹⁶ Rei.

fogo para lançar nos inimigos. As vestimentas de xangô são geralmente em cores de tom marrom, pois remetem ao fogo e por ter sido rei de Oyó, a coroa se torna indispensável. No pescoço, os iniciados ou a pessoa que está incorporada neste orixá usa um fio feito de miçangas, conhecido como fio de contas, nas cores marrom e branco. Braceletes de cobre também são acessórios bastante usados em ritos de incorporação e celebração.

Cultuado em grande parte das casas de candomblé do Brasil como Xangô, Ayrá pode ser igualmente cultuado em outras como uma divindade à parte, ligada ao culto de Xangô, mas não pertencente à sua família. Para Verger (2002), Ayrá é um dos doze Xangôs que existem de acordo com a tradição baiana e “os Airá seriam Xangô muito velhos, sempre vestidos de branco e usando contas azuis em lugar de corais vermelhos, como os outros Xangôs. Ao que parece, teriam vindo da região de Savê” (VERGER, 2002, p. 140).

O antropólogo Marc Schiltz considera que outras divindades seriam ligadas aos raios e trovões além de Xangô, e Ayrá seria uma delas. O próprio nome Ayrá seria derivado de *ara*, palavra em Iorubá que significa raio, e Ayrá teria sido um orixá que também manipulava os raios e trovões, muito famoso nas regiões de ketu e Savê. Pouco se sabe sobre a história de Ayrá. Conhecido como um andarilho sem origem específica, Ayrá teria servido aos reinos Efon¹⁷ e à Itilê, nome original de Itasa. Da mesma forma que Xangô, Ayrá também era conhecido por seu caráter punitivo. Segundo Caprine, “O culto de Ayrá em Itasa/Itile é um dos que mais se mistura com o de Xangô já que esta cidade foi fundada por Ilemola, membro da família real de Oyó que fazia parte da linha de sucessão do trono. Assim como Xangô é chamado Alafin em Oyó, Ayrá é chamado de Ara Onitile (ou Intile) em Itasa, ambos os títulos dão referência aos cargos de chefia das cidades” (CAPRINE, 2020). Outros relatos indicam que Ayrá teria sido irmão gêmeo ou general do exército de Xangô e, por isso, assumiu as características dele. Segundo Neto, Ayrá foi um “ministro de confiança de Xangô” (RODRIGUES NETO, 2013, p. 31).

Por Ayrá não ter sido rei, ele não usa coroa, mas um adorno de cabeça. Como Ayrá serviu às cidades de Efon, suas vestimentas são em grande maioria brancas, já que esses reinos ministravam o culto aos ori-

¹⁷ Pequeno reino iorubá (do subgrupo equiti) que atualmente é a cidade de Efon-Alaaye, Estado de Ekiti, Nigéria.

xás Funfun (primeiros reis das terras Iorubá), pois o tingimento em tecido só veio surgir a partir do século XIII, período que Oyó começa a tomar conta de todo império dos iorubás e fazer comércio com impérios Árabes de Nupe. Os acessórios usados por Ayrá são os mesmos usados por Xangô e sua comida também é feita à base de quiabos. Assim como Xangô, Ayrá dança ao ritmo forte e rápido do *Aluja*¹⁸ e a saudação enunciada a ele é *Ayrá Lé*, que significa Ayrá está feliz, ele está sobre a casa.

Por Ayrá ter atuado junto a Xangô, entende-se aqui no Brasil que Ayrá poderia ter as mesmas predicções, porém, como Ayrá jurou defender as terras de Ifon¹⁹, suas condições de culto se atribuem às mesmas que a dos Orixás Funfun²⁰. Todavia, seu culto segue aos modelos de Oyó estabelecidos por Xangô, que unificou os reinos numa época que os modelos seriam idênticos aos proferidos em Oyó, porém, com as peculiaridades de cada molde ancestral. No Brasil, a relação entre Ayrá e Oxalá, já que o primeiro também serviu ao reino do segundo, faz com que Ayrá esteja associado à chuva, elemento ligado ao Orixá Oxalá.

Existem vertentes do candomblé que assimilam ou separam Xangô e Ayrá. Em templos grandes, onde há espaço físico, os assentamentos de Xangô e Ayrá não ficam no mesmo Ile Orisa (quarto de divindade), mas juntos com os de Oxalá e Oduduwa, onde estão as divindades Funfun. Quando os templos são pequenos, os assentamentos são otimizados e acabam indo para o mesmo quarto, o que confunde ainda mais os iniciantes que crescem na religião fazendo tal assimilação.

4. *Conceptualização de Xangô e Ayrá*

Nesta seção, apresentamos uma rede de integração conceptual com a ativação de dois espaços mentais, o de Xangô e o de Ayrá, na intenção de compreendermos, por meio do espaço mescla, como essas duas divindades são diferentes orixás dentro da religião do Candomblé. Todavia, entendemos que esses espaços mentais mencionados já são mesclas originárias de relações entre espaços mentais previamente ativados. Em outras palavras, ao trazermos para a rede de integração o espaço mental estruturado pelo *frame* Xangô, por exemplo, podemos ver como esse es-

¹⁸ Toque de atabaque de ritmo rápido relacionado ao orixá Xangô.

¹⁹ Reinos dos orixás da criação.

²⁰ Divindades do branco, os primeiros Orixás criados pelo criador supremo Olorum.

paço mental já é um resultado de relações vitais realizadas precedentemente, e que nos permitem caracterizar essa divindade e sua representatividade para a religião em questão. Dessa forma, podemos ver como uma mescla pode servir de espaço mental de entrada, de *input*, para outras mesclas. Dito isso, primariamente, mostraremos as conceptualizações individuais de Xangô e Ayrá, para que, depois, possamos efetuar uma rede de integração contemplando essas duas entidades como espaços de *input* para uma mescla final, conforme poderemos ver a seguir.

4.1. Rede de Xangô

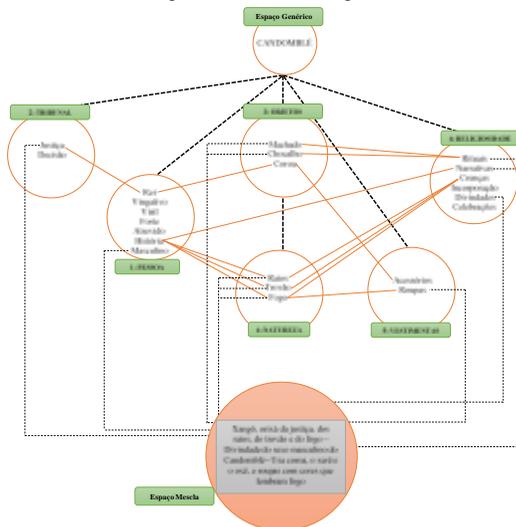
A compreensão da divindade do Candomblé ‘Xangô’ está norteada pela ativação de oito espaços mentais, conforme podemos visualizar na rede de integração presente na figura 2. A referida rede ativa um espaço genérico, preenchido pelo elemento Candomblé, uma vez que se trata do que há de comum entre os espaços de entrada; e seis espaços de entrada (*inputs*), estruturados pelos *frames* de PESSOA (*input 1*), TRIBUNAL (*input 2*), OBJETOS (*input 3*), NATUREZA (*input 4*), VESTIMENTAS (*input 5*) e RELIGIOSIDADE (*input 6*). O espaço mescla, espaço pelo qual conseguimos compreender a divindade Xangô e sua representatividade no Candomblé, é configurado pela projeção de elementos ativados nos *inputs*, assim como pelas relações vitais de espaço externo por estes estabelecidas, conforme melhor explicadas a seguir.

Entre os *inputs* 1 e 3, vemos uma relação de ‘Parte-Todo’, uma vez que o domínio COROA (*input 3*) representa um objeto de uso do domínio REI (*input 1*). Afinal, todo rei utiliza o objeto coroa na intenção de simbolizar seu poder.

Entre os *inputs* 3 e 6, temos uma relação de ‘Parte-Todo’. Isso ocorre porque os objetos MACHADO e CHOCALHO, ativados pelo espaço mental de OBJETO (*input 3*), fazem parte dos RITUAIS (*input 6*) de incorporação de Xangô realizados na religião do Candomblé (representados pelo Xerê e o Oxê).

No *input 6*, entendemos como os domínios RITUAIS e INCORPORAÇÃO, ativados pelo espaço mental RELIGIOSIDADE, também comprimem a relação de ‘Parte-Todo’, pois, a realização da incorporação faz parte dos rituais em homenagem à divindade Xangô.

Figura 2: Rede de Xangô.



Fonte: Autores, 2022.

No *input* 1, vemos as relações de ‘Parte-Todo’ e ‘Representação’. Os domínios VINGATIVO, VIRIL, FORTE, ATREVIDO comprimem uma relação de ‘Parte-Todo’ com o domínio de REI, uma vez que representam características da pessoa, do rei de Oyó. Essa compressão também pode englobar uma relação de ‘Representação’ com o domínio HISTÓRIA, pois o que é conhecido sobre o Rei de Oyó, enquanto uma pessoa vingativa, viril, forte e atrevida, representa a história da divindade Xangô dentro da religião do Candomblé.

Entre os *inputs* 1 e 2, temos a relação de ‘Parte-Todo’, porque Xangô, REI de Oyó (*input* 1), apresentava a JUSTIÇA (*input* 2) como uma característica pessoal.

A relação de ‘Parte-Todo’ também pode ser estabelecida entre os *inputs* 1 e 4. A história de Xangô está associada também à detenção de poderes mágicos relacionados ao fogo, aos raios e aos trovões. Dessa forma, vemos como o domínio HISTÓRIA (*input* 1) também pode manter uma relação vital de ‘Parte-Todo’ com os domínios RAIOS, TROVÃO e FOGO, ativados pelo espaço mental de NATUREZA (*input* 4).

Os poderes mágicos relacionados aos elementos da natureza (*input* 4) podem também manter uma relação de ‘Parte-Todo’ com o domí-

nio CRENÇAS, ativado pelo espaço RELIGIOSIDADE (*input* 6), pois, na religião do Candomblé, as crenças relacionadas à divindade Xangô estão embasadas nos poderes de cuspir fogo, dominar os trovões e lançar raios.

Entre os *inputs* 1 e 6, temos as relações de ‘Analogia’, ‘Identidade’, ‘Papel-Valor’ e ‘Tempo’ comprimidas. Isso acontece em virtude de compreendermos como as NARRATIVAS (*input* 6) atribuídas à Xangô, correspondem (analogia) a toda sua HISTÓRIA (*input* 1) que está relacionada a acontecimentos ocorridos no passado (tempo). Dessa forma, entendemos como Xangô (sua identidade), representa uma divindade de grande relevância para a religião do Candomblé. Além do mais, suas narrativas tornam-se de grande valor para os praticantes da referida religião (papel-valor).

Já entre os *inputs* 4 e 5, vemos uma relação de ‘Similaridade’. As ROUPAS (*input* 5) utilizadas por Xangô são normalmente em tonalidade de marrom, para simbolizar o elemento da natureza FOGO (*input* 4). Assim, vemos uma similaridade das cores das vestimentas da divindade com as cores do elemento fogo.

Torna-se relevante mencionar que as relações de espaço externo de ‘Parte-todo’ estabelecidas entre os *inputs* citados são comprimidas no espaço mescla nas relações de espaço interno de ‘Propriedade’ e ‘Representação’. Da mesma forma que a relação vital de similaridade, evidenciada entre os *inputs* 4 e 5, é também comprimida na mescla nas relações de ‘Propriedade’ e ‘Singularidade’.

Dessarte, no espaço mescla, vemos a projeção de elementos advindos dos espaços mentais ativados. Do *input* 1, é projetado o domínio MASCULINO. Do *input* 3, há a projeção dos domínios MACHADO e CHOCALHO, haja vista corresponderem ao Oxê e Xerê, símbolos da divindade Xangô. Do *input* 4, ocorre a projeção dos domínios RAIOS, TROVÃO e FOGO, pois, assim, podemos entender como Xangô é o Orixá desses elementos da natureza. O mesmo ocorre com o domínio JUSTIÇA, projetado do *input* 2. Do *input* 5, vemos a projeção do domínio ROUPA, uma vez que ela também vai caracterizar essa divindade. E, por fim, do *input* 6, há a projeção de RITUAIS, NARRATIVAS, CRENÇAS e DIVINDADE, já que esses domínios nos ajudam a entender toda a representatividade de Xangô na religião do Candomblé.

Pelo espaço emergente, conseguimos compreender como Xangô, que é uma divindade do gênero masculino associado ao Candomblé, é o

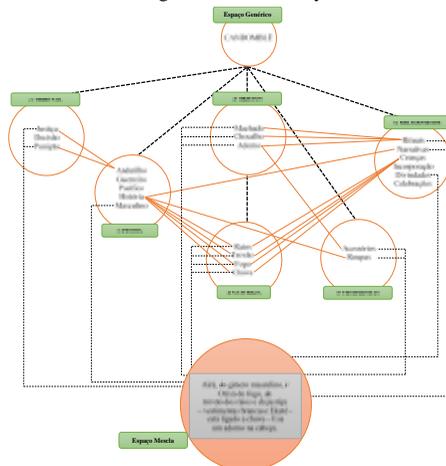
orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo. Ele usa uma coroa, o Xerê e o Oxê, e vestimentas com cores que lembram fogo.

4.2. Rede de Ayrá

A compreensão da divindade do Candomblé ‘Ayrá’ está norteada também pela ativação de oito espaços mentais, conforme podemos ver na figura 3. A presente rede ativa um espaço genérico, preenchido pelo elemento Candomblé; seis espaços de entrada (*inputs*), estruturados pelos *frames* de PESSOA (*input 1*), TRIBUNAL (*input 2*), OBJETOS (*input 3*), NATUREZA (*input 4*), VESTIMENTAS (*input 5*) e RELIGIOSIDADE (*input 6*); e um espaço mescla, espaço pelo qual conseguimos compreender a divindade Ayrá e sua representatividade no Candomblé. Entre os espaços mentais ativados, podemos estabelecer relações vitais de espaço externo, que são melhor exploradas a seguir.

Entre os *inputs* 1 e 2, há a compressão da relação de ‘Parte-Todo’, uma vez que a JUSTIÇA e a PUNIÇÃO representam características (parte) da pessoa de Ayrá, ou seja, do ANDARILHO, GUERREIRO (todo). Essa relação de ‘Parte-Todo’ pode também atuar em conjunto com a relação vital de ‘Representação’, porque ser justo e punitivo representam a HISTÓRIA (*input 1*) da divindade Ayrá.

Figura 3: Rede de Ayrá.



Fonte: Autores, 2022.

A história de Ayrá está associada também à realização de poderes mágicos relacionados ao fogo, aos raios, ao trovão e à chuva. Dessa forma, vemos uma relação vital de ‘Parte-Todo’ entre os domínios RAIOS, TROVÃO, FOGO e CHUVA, ativados pelo *input* 4, com o domínio de HISTÓRIA, ativado pelo *input* 1.

As narrativas de Ayrá são inteiramente baseadas na história dessa divindade ocorrida séculos atrás. Assim, vemos uma relação vital de ‘Analogia’ comprimida com uma relação de ‘Tempo’, pois NARRATIVAS, ativado pelo *input* 6, correspondem à HISTÓRIA, ativado pelo *input* 1. Dessa forma, compreendemos como a identidade de Xangô se apresenta como uma importante divindade para o Candomblé, assim como suas narrativas são de grande valor para os praticantes da referida religião (Papel–Valor).

O uso de roupas brancas faz parte da história de Ayrá, porque, no seu tempo, o tingimento em tecido era uma prática ainda não realizada, conforme mencionado anteriormente. Assim, comprime-se as relações de ‘Parte-Todo’ e ‘Tempo’, para mostrar como o domínio ROUPAS, ativado pelo *input* 5, faz parte da HISTÓRIA dessa divindade (domínio ativado pelo *input* 1). Ou seja, o uso de roupas brancas pela divindade ocorre em virtude de seu contexto no passado (tempo).

Ayrá não utiliza uma coroa, visto que sua história demonstra como ele não foi rei. Contudo, essa divindade utiliza um adorno na cabeça. Dessa forma, vemos a compressão de uma relação vital de ‘Parte-Todo’, uma vez que esse ADORNO (*input* 3), é parte dos ACESSÓRIOS (*input* 5) relacionados a essa divindade.

Vemos também a compressão da relação de ‘Parte–Todo’ entre os *inputs* 3 e 6, pois os domínios MACHADO (oxê), CHOCALHO (xerê) e ADORNO (*input* 3), fazem parte dos RITUAIS (*input* 6) voltados à divindade Ayrá no Candomblé.

No Candomblé, as crenças associadas a Ayrá são baseadas nos poderes de dominação do fogo, dos raios, dos trovões e da chuva. Assim, percebemos uma relação vital de ‘Parte-Todo’, na qual, os domínios FOGO, RAIOS, TROVÃO e CHUVA, ativados pelo *input* 4, são parte do domínio CRENÇAS, ativado pelo *input* 6.

Já no espaço mescla, vemos a projeção de elementos advindos dos espaços mentais ativados. Assim, do *input* ocorre a projeção do domínio MASCULINO. Do *input* 3, há a projeção dos domínios MACHADO,

CHOCALHO e ADORNO, símbolos da divindade Ayrá. Do *input* 4, ocorre a projeção dos domínios RAIOS, TROVÃO, FOGO e CHUVA, pois, assim, podemos entender como Ayrá é o Orixá associado a esses elementos da natureza. O mesmo ocorre com o domínio JUSTIÇA, que é projetado do *input* 2. Partindo do *input* 5, vemos a projeção de ROUPA e ACESSÓRIOS, uma vez que esses dois domínios também vão caracterizar essa divindade. E, por fim, do *input* 6, há a projeção de RITUAIS, NARRATIVAS, CRENÇAS e DIVINDADE, visto que esses domínios nos ajudam a entender toda a representatividade de Ayrá na religião do Candomblé.

Dito isso, como espaço emergente, conseguimos conceptualizar Ayrá como sendo do sexo masculino, o orixá da religião do Candomblé, que está ligado ao fogo, ao trovão, aos raios, à chuva e à justiça, dado o seu caráter punitivo. Ele usa vestimentas de cor branca e um adorno na cabeça igualmente na cor branca.

4.3. Rede de Xangô versus Ayrá

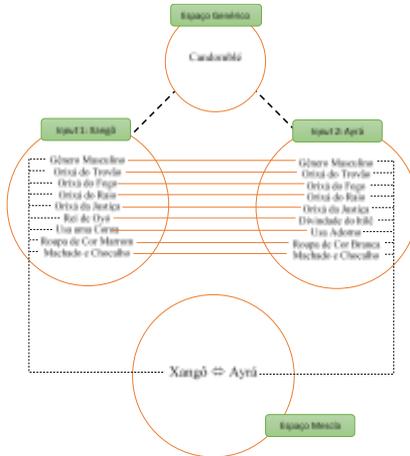
Para a nossa mescla final (figura 4), realizamos uma rede de integração conceptual que demonstra a ativação de quatro espaços mentais: um espaço genérico, contendo o elemento ‘Candomblé’; dois espaços de entrada, que correspondem ao *input* 1, pertencente à divindade Xangô, e o *input* 2, pertencente à divindade Ayrá; um espaço mescla, que nos ajuda a compreender como Xangô e Ayrá, vistos por muitas casas de Candomblé no Brasil como uma única divindade, são distintas divindades, mesmo que apresentem certas similaridades/analogias.

O *input* 1 é, conforme já explicado pela rede de Xangô (figura 2), uma mescla que nos apresenta a conceptualização da referida divindade e sua representação para a religião do Candomblé. Assim, vemos como esse espaço mental ativa domínios que nos permitem caracterizar essa divindade, como: é do GÊNERO MASCULINO, ORIXÁ DO TROVÃO, RAIOS, FOGO e da JUSTIÇA, foi um REI da cidade de OYÓ e, portanto, USA UMA COROA, usa ROUPA DE COR MARROM e em seus rituais utiliza um MACHADO e um CHOCALHO.

Já o *input* 2, conforme explorado pela rede de Ayrá (figura 3), é uma mescla que nos mostra a conceptualização dessa divindade e sua representação para o Candomblé. Sendo assim, vemos como esse espaço mental levanta domínios como: GÊNERO MASCULINO, ORIXÁ DO

TROVÃO, RAIOS, FOGO e da JUSTIÇA, pertenceu ao reino de ITILÊ, utiliza um ADORNO na cabeça e ROUPA DE COR BRANCA em virtude de sua história passada. Nos rituais, essa divindade também utiliza um MACHADO e um CHOCALHO.

Figura 4: Rede de Integração Xangô versus Ayrá.



Fonte: Autores, 2022.

Podemos perceber como esses dois espaços mentais apresentam domínios similares e até idênticos. Fato esse que pode ser o motivo de, normalmente, essas duas divindades (Xangô e Ayrá) serem equivocadamente compreendidas como uma só por alguns praticantes da religião em questão. Todavia, ao analisarmos as relações vitais estabelecidas entre ambos os espaços, entendemos como, principalmente, as relações de desanalogia permitem-nos ver essas divindades como sendo distintas.

Estabelecemos relações de ‘Analogia’ entre os domínios GÊNERO MASCULINO, ORIXÁ DO TROVÃO, ORIXÁ DO FOGO, ORIXÁ DOS RAIOS, ORIXÁ DA JUSTIÇA, MACHADO e CHOCALHO, levantados nos dois *inputs*, uma vez que são classificações atribuídas tanto a Xangô como para Ayrá, dentro da religião do Candomblé.

Em contrapartida, vemos ‘Desanalogias’ entre os *inputs*: enquanto Xangô foi rei de Oyó, Ayrá não foi rei. As histórias em torno de Ayrá narram que ele era um andarilho ou um guerreiro. Assim, existe uma relação de desanalogia entre os domínios REI DE OYÓ (*input 1*) e DIVINDADE DO ITILÊ (*input 2*). Por conta de ter sido rei, Xangô utiliza

em seus rituais do Candomblé uma coroa. Já Ayrá utiliza um adorno na cabeça. Dessa forma, estabelecemos uma desanalogia entre USA UMA COROA (*input* 1) e USA ADORNO (*input* 2). Por fim, as roupas usadas por Xangô são de cor marrom, para simbolizar o elemento fogo. Já as de Ayrá são de cor branca, em virtude de sua história. Assim, vemos a desanalogia entre ROUPA DE COR MARROM (*input* 1) e ROUPA DE COR BRANCA (*input* 2).

No espaço mescla, vemos como os elementos dos *inputs* são projetados para a compreensão de que Xangô e Ayrá, mesmo apresentando certas similaridades, são duas distintas divindades do Candomblé. Além do mais, as analogias estabelecidas entre os *inputs* permitem-nos ver como essas duas divindades mantêm uma relação/ligação, justificando, dessa forma, o uso de \Leftrightarrow no espaço emergente. Essa relação/ligação entre Xangô e Ayrá, evidenciada no espaço mescla, pode ser reforçada pelas próprias crenças que envolvem essas duas divindades (de que ambos exerciam cargos de chefia, por exemplo, ou que Ayrá era irmão ou general do exército de Xangô). Crenças essas que contribuem para que os rituais e cultos ligados a essas divindades exibam, muitas vezes, significativas paridades.

5. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo identificar e analisar as estruturas e os processos cognitivos envolvidos na conceptualização dos orixás Xangô e Ayrá, ambos relacionados ao elemento fogo. Dessa forma, as análises, norteadas pelo viés da Teoria da Integração Conceptual, demonstraram como relações vitais de espaço externo de ‘Desanalogia’ permitem-nos concluir como essas duas divindades não podem ser confundidas, principalmente, entre os praticantes do Candomblé. Em outras palavras, mesmo que Xangô e Ayrá apresentem certas similaridades/analogias, a mesclagem nos mostra como, na verdade, tratam-se de divindades com características, qualidades e representações distintas.

É importante ressaltar a necessidade da realização individual de duas redes de integração anteriores à rede final (Rede de Integração Xangô *versus* Ayrá). De fato, isso nos aponta para duas relevantes reflexões: a) a percepção da complexidade que pode estar envolvida na conceptualização e na representatividade das divindades religiosas do Candomblé para os seus praticantes; b) em alguns casos, uma ou mais mesclas podem servir como espaço(s) mental(is) de entrada para outras mesclas nas

redes de integração conceptual. Portanto, em virtude dessas reflexões, acreditamos que a Teoria da Integração Conceptual é a ferramenta mais adequada para realização das análises aqui propostas e que pode abranger perfeitamente a complexidade anteriormente citada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENISTE, José. *História dos candomblés do Rio de Janeiro: o encontro africano com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020. 336p.

_____. *Orun–Aiyê: O encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô–yorubá entre o céu e a terra*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.

CAPRINE, Felipe. *Xangô & Airá: Candomblé – O mundo dos orixás*. Disponível em: <https://ocandomble.com/2020/10/>. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: Conceptual Blending and the Mind’s Hidden Complexities*. New York, Basic Books, 2002.

_____. Conceptual Blending, Form and Meaning. *Recherches en Communication*, v. 19, p. 57-86. 2003. Disponível em: <https://ojs.uclouvain.be/index.php/rec/article/view/48413>. Acesso em: 15 de abr. 2022.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.

KÖVECSE, Zoltán. *Language, mind and culture: a practical introduction*. Oxford University Press, 2006.

RODRIGUES NETO, Arnaldo. *Yorubá básico: guia de referência rápida de Yorubá e Candomblé*. 2. ed. Joinville: Clube dos Autores, 2013.

PESSOA DE BARROS, José Flávio. *A fogueira de Xangô, o Orixá do Fogo*. 3. ed. Pallas: 2009.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. Cognição e semântica: da representação formal à conceptualização. In: MACEDO, A.C.P. de; FELTES, H.P. de M.; FARIAS, E.M.P. (Org.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeando percursos*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2008. p. 89-125

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SCHILTZ, Mark. *Yoruba thunder deities and sovereignty: Ara versus Sango*. Nigeria: Anthropos, 1985.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002. 295p. il.